

Caroline Xavier da Silva



CAMPINAS

2001



Caroline Xavier da Silva

Prazer, HIP-HOP!

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física, pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus.

CAMPINAS

2001

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliana Ayoub



Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus (orientador)

Dedico este trabalho aos meus pais, Wilson Xavier da Silva e Olga Particelli Xavier da Silva (in memoriam), pela formação que me deram, pelo apoio constante e pela dedicação incomensurável. Às minhas irmãs Gabriele Xavier da Silva e Manuele Xavier da Silva, pela *força* em tudo e, em especial, pela ajuda na elaboração deste trabalho.

Agradecimentos

Sempre, e em primeiro lugar, agradeço a Deus, por tudo.

À minha família, que sempre me ajudou muito, em especial, a minha tia, Sueli.

Aos colegas da faculdade, turma 98D, pelos quatro anos que trilhamos juntos a mesma estrada.

Aos grafiteiros, dançarinos e rappers, pois sem eles dificilmente eu teria construído este trabalho.

Ao Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus, meu orientador, por tudo: desde a mínima correção às longas explicações sobre o trabalho.

Ao Beeroth e Fátima, expert em informática, que me socorreu nos momentos difíceis pelos quais passei à frente do computador.

Ao Rodrigo, da turma 99D, pela imprescindível ajuda na realização das entrevistas.

Aos funcionários da biblioteca, Marli, Dulce, Gonzaga, Geraldo, Isis, e do Setor de Áudio e Vídeo, Geraldinho, ambos da Faculdade de Educação Física/Unicamp.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

De coração, muito obrigado a todos!

Resumo

O objetivo deste estudo é trazer para o âmbito acadêmico o significado do hip-hop para os seus personagens, contextualizando seu universo, como elemento da cultura corporal, a partir do discurso dos seus personagens, que são em sua maioria adolescentes.

Para desenvolver este trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográfica (livros, teses, dissertações, revistas, jornais e sites da internet), cultural e de campo. No primeiro capítulo, é feito um histórico da cultura hip-hop, que abrange três elementos artísticos: música (rap), desenho (grafite) e dança (break e dança de rua). No segundo capítulo, têm-se os discursos dos participantes: rappers, grafiteiros e dançarinos. A pergunta realizada para todos os personagens foi: *o que é hip-hop?* No capítulo três, a análise dos discursos e suas relações, a partir dos quais procuramos traçar o significado cultural do hip-hop para os seus personagens. Encerrando, as considerações finais.

ÍNDICE

Resumo	vi
Apresentação	1
Capítulo I História do hip-hop	3
Capítulo II Discursos dos Participantes	15
Rappers	16
Grafiteiros	23
Dançarinos de Break	26
de Rua	27
Gráfico das categorias de análise dos discursos	38
Capítulo III Análise do gráfico de categorias dos discursos dos participantes	39
Considerações Finais	42
Bibliografia	45
Anexos	46

APRESENTAÇÃO

O interesse pelo tema hip-hop surgiu no segundo ano de faculdade, quando comecei a praticar dança de rua, em um curso de extensão, realizado na Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Minha paixão pelo hip-hop iniciou-se por sua batida forte e contagiante, que nos faz, às vezes mesmo sem querer, dançar. Meu contato inicial com este movimento, aconteceu ao assistir videoclipes norte-americanos e nacionais.

No início não entendia o motivo pelo qual os rappers falavam palavras de baixo calão e sobre a vida na periferia. Com o decorrer do tempo, entendi que o objetivo não era simplesmente vender as músicas, mas conscientizar a população sobre seus direitos, por meio de críticas sociais sobre a situação não só da periferia, mas também da cidade, do estado, do país e, até mesmo do mundo. De um modo geral, os temas utilizados pelos rappers em suas canções, falam de exclusão social, desemprego, falta de moradia, educação, segurança, mortes, polícia, crime etc.

Contagiou-me a coreografia desenvolvida nos videoclipes. Extasiava-me a forma como dançavam, a ponto de assistir várias vezes o mesmo videoclipe. A dança funcionou como um ímã, me atraindo cada vez mais ao hip-hop.

Com o decorrer do tempo, algumas interrogações precisavam de respostas: como essa cultura havia nascido e quais teriam sido os motivos?

Partindo dessas interrogações, decidi fazer do tema hip-hop, meu trabalho de pesquisa, no intuito de compreender seu significado, por meio de seus personagens: rappers, dançarinos e grafiteiros.

Ao pesquisar livros de educação física escolar, deparei-me com um texto de Jocimar Daolio, no livro *Educação física: ser ou não ter?*, que ressalta que a educação física deve contextualizar sua prática com a realidade sócio-cultural

onde ela se encontra. O hip-hop é uma manifestação cultural de jovens que, retratando de forma peculiar a realidade de seu meio-social, estimula a conscientização da comunidade sobre sua condição social, contribuem para afastar outros jovens da marginalidade, do crime e das drogas.

Percebemos que o hip-hop, que é um estilo de dança contemporânea, portanto faz parte da cultura corporal, que é constituída pela dança, esporte, ginástica, luta e jogo.

Como muitas vezes a escola não compreende a cultura da rua como algo saudável, poderíamos imaginar que se esse aspecto da cultura pudesse penetrar no ambiente da escola, talvez ocorresse um intercâmbio mais freqüente entre o se aprende e se ensina, tanto num espaço quanto no outro. A escola e a rua ainda não são a nossa casa. São o nosso mundo.

Este trabalho inicia-se com a história do hip-hop, ressaltando a importância dos elementos artísticos para as pessoas, de um modo geral.

Para a primeira etapa da pesquisa, realizei um levantamento bibliográfico (livros, teses, dissertações, revistas, jornais, sites na internet, etc.), referente à contextualização do hip-hop.

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas com os grafiteiros, dançarinos de break e de rua. A questão proposta a todos foi: o que é hip-hop?

Na terceira etapa, utilizando a metodologia da *Análise de conteúdo*, de Laurence Bardin (apud Vilela, 1998), foram analisadas as entrevistas. Encerrei com um relato contendo as considerações finais.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DO HIP-HOP

A Dança de Rua tem influências do hip-hop, funk e rap norte-americano, introduzidos na nossa cultura por meio de videocliques, que ganharam aqui um *toque brasileiro*.

A cultura hip-hop é formada pelos seguintes elementos: o rap (abreviação de *rhythm and poetry*) que significa ritmo e poesia; o break é uma das vertentes da dança de rua (*Street Dance*)¹, utiliza uma linguagem semelhante à da mímica, movimentos acrobáticos e da ginástica artística²; e o grafite ou *graffiti*³, desenho feito em muro.

A dança de rua surgiu em 1929, quando os Estados Unidos entraram, em uma super crise, com a queda da Bolsa de Nova Iorque. Na época as pessoas não tinham condições "para nada, muito menos para se divertir, com isso, os músicos e dançarinos que trabalhavam nos cabarés ficaram desempregados". Uma saída encontrada foi fazer shows na rua. Com isso houve uma grande mistura do Ragtime, Jazz e outros ritmos negros. Surgiram os *tap dancers* (sapateadores), os primeiros dançarinos de rua, que dançavam de uma forma muito original.⁴

Em 1967, James Brown (cantor e compositor norte-americano) criou a *funk music*. "Assim com o som de Brown, a dança foi buscar no Jazz, no Rock'n Roll, nos

¹ Neste trabalho utilizaremos a expressão em português.

² *O Street Dance*. Disponível em: <www.enygma.hpg.com.br/street.htm> Acesso em: 16/03/2001

³ Palavra que se origina do italiano *graffito* (singular) e *graffiti* (plural), de origem greco-latina em *graphien* (escrever) e *graphium* (gravado a estilete) e designa-se a imagens grafadas de forma precária, em oposição ao *sgraffito*, imagem decorativa elaborada". (Sumiya apud Vilela, 1998:90)

⁴ *O que é Street Dance?* Disponível em <http://www.geocities.com/junynho_boy/street.htm>.

Acesso em: 11/10/2000

passos dos dançarinos de baile, uma linguagem que acompanhasse o balanço da sua música".⁵

O funk foi a principal base para a dança de rua, segundo Lilian Vilela (1998: 221).

"A música funk vem do desenvolvimento do soul que é uma fusão entre os estilos *rhythm and blues* com o *gospel*, música protestante negra". (Vianna apud Vilela, 1998: 72).

O soul era o estilo musical que os negros norte-americanos tocavam nos movimentos de direitos civis e de α conscientização. Na década de 60, o soul perdeu a sua essência conscientizante, sendo encarada por alguns músicos negros apenas como mais um rótulo. Com isso surgiu a gíria *funk*, relacionada ao modo de se vestir, de andar, ao bairro da cidade e à forma de tocar música, que ficou conhecida como a música funk. (Ferreira, 1996)

Nos anos 60, "*proliferou-se uma grande discussão sobre direitos humanos e, nesta ordem de fatos, os marginalizados da sociedade de Nova Iorque se articularam para fazer valer suas propostas na eliminação das suas inquietações*".⁶ Surgem nesse período os grandes líderes negros como Martin Luther King e Malcom X, além de grupos que lutavam pelos seus direitos como os Panteras Negras (*Black Panthers*).

Enquanto isso, surgia na Jamaica os *sound systems* (sistemas de som), que eram colocados nas ruas dos guetos jamaicanos para animar bailes. Nestes bailes, os *Toasters*, os autênticos *MC's* (*mestres de cerimônia*), faziam discursos sobre a situação política da Jamaica e assuntos como a violência nas favelas de Kingston, por meio de uma espécie de *canto falado*. Muitos jovens jamaicanos foram obrigados a imigrar para os Estados Unidos no final dos anos 60, devido a uma

⁵ O que é *Street Dance*? Op. cit. p. 3.

forte crise econômica e social. E um deles, em especial o DJ jamaicano Koll Herc, que introduziu nos bailes da periferia de Nova Iorque a tradição dos *sound systems* e do *canto falado*.⁷

Segundo Vilela (1998:72), outro DJ jamaicano chamado Grandmaster Flash, criou o *scratch*. *Scratch* (inglês) que significa arranhar, "é uma técnica de utilização do aparelho toca-discos vinil como um instrumento musical, girando o disco com as mãos no sentido anti-horário, produzindo a repetição de partes da música ou um som arranhado". Os *scratches* produzidos pelos DJ's americanos "eram feitos em cima de ritmos funky". (Vilela, 1998:73)

O DJ Flash, durante as festas entregava um microfone para os dançarinos improvisarem falas, acompanhando o ritmo da música. Estes ficaram conhecidos como os *mestres de cerimônias* (MC's ou *émicis*, os *Master of Ceremony*) ou rappers, que cantavam suas histórias e faziam protestos rimados.⁸ Deste improviso vocal, surge o rap (rhythm and poetry), que unia a fala ao ritmo com o *scratch* produzido pelo DJ. (Vilela, 1998:73)

O break, dança inventada pelos porto-riquenhos, surge no final dos anos 1960 e início da década de 1970 em Nova Iorque, numa forma de expressarem suas insatisfações com a política e a guerra entre Estados Unidos e Vietnã. Essa guerra durou cerca de dez anos, entre 1965 e 1975. Era a época da Guerra Fria, o governo queria derrotar os comunistas do Vietnã do Norte e manter o capitalismo no Vietnã do Sul.

Os dançarinos de break ou os b.boys (abreviação de *break boys* ou garotos do break), ao montar suas coreografias, se inspiravam no movimento dos corpos

⁶ *História do Hip-Hop*. Disponível em: <www.enygma.hpg.com.br/street.htm> Acesso em: 16/03/2001

⁷ *Idem*

⁸ Revista *Veja*, *A cultura hip-hop atrai milhões de jovens e mostra, com rimas e efeitos sonoros, como é duro ser brasileiro da periferia*, janeiro de 1994, p.57.

debilitados dos soldados norte-americanos que retornavam da guerra do Vietnã e nos objetos utilizados no confronto com os vietnamitas. Por exemplo, o movimento do chamado *giro de cabeça*, em que o dançarino "fica com a cabeça no chão e, com os pés para cima, procura circular todo o corpo", simboliza os helicópteros agindo durante a guerra. (Andrade apud Guimarães, 1998:154).

No entanto, Vilela (1998:98) ressalta que a origem do termo *breakdancing* possui outra versão, que se refere "à música, os dançarinos se inspiravam e dançavam nos seus breaks".

Muitos desses dançarinos pertenciam a turmas de rua ou, como eram conhecidas na época, *gangues* de rua. Para se defenderem, muitos treinavam artes marciais como o Kung Fu. Essas *gangues*, contribuíram para a difusão do break em Nova Iorque. Na época, "os grupos étnicos não se misturavam", com isso havia *gangues* de hispânicos e de negros. Cada uma possuía um código, o chamado TAG (assinatura dos grafiteiros) e por meio desse código, os grafiteiros demarcavam, nos muros dos bairros nova-iorquinos, os seus territórios. "Contudo nos momentos de descontração, dançavam break".⁹

Em 1968, com o objetivo de diminuir as brigas entre jovens negros e hispânicos, as *Equipes de Bailes* norte-americanas, organizavam festas, em rua, ginásios e colégios, incentivando-os a dançarem break e fazerem o grafite, como uma forma de arte, ao invés de brigarem entre si. Esse movimento social, criado pelas Equipes, que unia o rap (música), o break (a dança) e o grafite, ficou conhecido como *hip-hop*. Hip-hop significa saltar (hop) balançando os quadris (hip), é uma expressão que se refere ao break, dança mais popular da época. O fundador desse movimento foi o DJ Afrika Bambaattaa, que pertencia à equipe mais famosa, a Universal Zulu Nation. Ele nasceu e foi criado no Bronx, e quando

⁹História do Hip-Hop. Op.cit p.5.

jovem fazia parte de uma gangue chamada Black Spades (Espadas Negras). Mas percebeu que "as brigas entre as gangues não levariam a lugar nenhum".¹⁰

"O hip-hop, nos Estados Unidos, foi uma expressão cultural da diáspora africana em relação às grandes forças e instituições pós-industriais, que transformou o território público apossando do espaço urbano a fim de torná-lo funcional. Uma cultura que fez da rua um palco, escola ou centro provisório para a juventude que não encontrava outro lugar para identificar-se". (Vilela, 1998:83).

"O hip-hop marcava todos os estilos da Black Music norte-americana, mas o fundamental era o funk, mais pesado, reduzido ao mínimo: bateria, scratch (toca-discos como instrumento) e voz". (Ferreira, 1996:13)

No Brasil, o funk chegou no Rio de Janeiro, sem exclusividade musical nos bailes. Em 75, havia uma equipe de som a *Soul Grand Prix*, a qual foi apelidada pela imprensa de *Black Rio*, que realizava bailes todos os dias. Estes bailes passaram a "valorizar a cultura negra com o lema *Black is beautiful*". (Vilela,1998:74)

Nos bailes, havia a projeção de slides com cenas de filmes, documentários, retratos de músicos e de desportistas. A autora Ana Paula de Oliveira Ferreira (1996:14) destaca que "os dançarinos foram criando assim um estilo de se vestir que mesclava as várias informações visuais". Este foi o período das calças *boca de sino* e da dança à James Brown.

O funk, também foi *ganhando espaço* em outros estados, como: São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul. (Vilela, 1998).

¹⁰ *História do hip-hop*. Op. cit. p.5.

O hip-hop chega ao Brasil em meados da década de 1980, por meio das equipes de *Black Music*, como Chic Show, Black Mad e Zimbabwe, também por meio de algumas revistas e discos que são ainda comercializadas na galeria na rua 24 de Maio, em São Paulo.¹¹ As danças em grupo vieram junto com o hip-hop e uma nova maneira de se vestir, "*nada de soul, nada de afro, tudo bem distante das regras do orgulho negro*". (Vianna apud Vilela, 1998: 75).

Os que iniciaram o movimento foram Nelsão Black Soul ou Nelsão Triunfo dançando Break, Thaíde e Humberto (mais conhecido como DJ Hum), MC Jack (que também é DJ), Racionais MC's, os Metralhas e os Jabaquaras Breakers. Atualmente Nelson Triunfo, DJ Thaíde e outros, estão em Diadema, trabalhando com o movimento (na gíria, divulgando) na Casa do Hip-Hop.¹²

Em São Paulo, o movimento é maior em torno do hip-hop enquanto que no Rio de Janeiro, continuam os bailes funks com suas características próprias, seja no modo de se vestir ou dançar, diferentes do hip-hop, que adotaram o estilo dos b.boys (dançarinos de break) de se vestir. São usados tênis e bonés de marcas esportivas famosas, como Adidas e Nike. (Vilela, 1998).

Contudo, o hip-hop valoriza a tomada de consciência para problemas políticos, por parte dos marginalizados, enquanto o funk trata de termos que ilustram situações de paquera, amor ou até mesmo de questões raciais, com um tom alegre, divertido e/ou irônico. (Vilela, 1998).

Segundo Ferreira (1996: 105), a dança de rua surge nos bailes e ruas com as tribos funk. Essas danças têm estruturas de "*passos marcados e iguais, em que os dançarinos desafiam uns aos outros criando passos diferentes para serem*

¹¹ NEVES, C.G. Decanos do rap soltam o verbo. *Diário do Grande ABC*, Cultura e Lazer, 17/12/2000, p.1 e 2.

¹² *Idem*.

imitados; com esses passos, vão se formando fileiras de meninos e meninas que acompanham o ritmo e a movimentação que se instala pela música".

Em 1988, foram lançados os primeiros discos de vinil de rap nacional. Em 1989, Milton Sales, criou a MH20 *Movimento Hip Hop Organizado*. Com isso, ele criou várias oficinas nas periferias, shows gratuitos nos guetos e divulgou o rap para o grande público. Hoje, Sales é responsável pela *Companhia Paulista de Hip Hop*, que continua divulgando a cultura hip-hop.

O hip-hop é "*o alto e bom som utilizado pela periferia para reclamar o lugar de direito na organização social do país*". Seja por meio da dança, do grafite ou da música. Vemos que essa é uma forma das pessoas expressarem seus sentimentos e indagações. "*Se o cara segura suas mãos, você canta, se tapar a sua boca, você dança. O importante é continuar dizendo a verdade*".¹³

Assim, o estilo do hip-hop tem seu vínculo com o mundo por meio de experiências *urbanas de exclusão*, seja o desemprego, desigualdade econômica ou social. Apesar disso, é uma arte popular urbana que representa o "desejo compartilhado de crítica e protesto", seja por meio da música, da dança ou do grafite. (Vilela, 1998:207).

"O hip-hop realmente trata de temas universais como injustiça e a opressão, mas ele se situa orgulhosamente como uma música de gueto, urbano e sua cultura. O rap evita a sociedade branca exclusivista (ainda que existam rappers brancos, assim como um público branco) e focaliza as características da vida do gueto que os brancos e

¹³ Relato de um grafiteiro paulistano, retirado da tese da autora Maria Eduarda A. GUIMARÃES, "Do samba ao rap: a música negra no Brasil", 1998, p.154.

os negros de classe média prefeririam ignorar: prostituição, cafetinagem, drogas, doenças venéreas, assassinatos de rua, perseguição opressiva de policiais brancos. A maioria dos rappers define seu domínio com termos bem precisos, freqüentemente não apenas citando a cidade como também o bairro de sua origem". (Guimarães, 1998: 207).

Grafite

O grafite surgiu também nos Estados Unidos na década de 1970, com garotos que no princípio escreviam seus próprios nomes em edifícios públicos da cidade, nas placas das ruas e nos veículos de transporte público. Em pouco tempo, cansaram-se e começaram a desenhar figuras, misturando estilos e cores. (Guimarães, 1998: 154). O grafite, diferente da pichação, utiliza tintas e sprays para *grafitar* os espaços urbanos: paredes, muros e trens. Antes, servia como demarcação de território dentre as gangues (grupos); hoje é veículo de expressão de artistas plásticos urbanos. (Vilela, 1998).

Rap

A música rap é um grande atrativo para os jovens, é o que faz com que eles conheçam o movimento hip-hop. A idéia dos rappers é transmitir e mostrar como é importante a história dos negros, seus heróis, sua participação na história da humanidade e criando assim, um orgulho da raça nesses jovens. (Guimarães, 1998).

A palavra rap significa *rhythm and poetry* (ritmo e poesia). Para Lilian Vilela (1998: 64), é um estilo de música "*construída dentro de uma forma poética singular desenvolvida no final dos anos 70 em Nova York*".

Dança

A dança é um dos elementos da cultura corporal, estudados pela educação física, que se caracteriza como uma área do conhecimento que possui como objeto, a reflexão sobre a cultura corporal. A obra *Metodologia do ensino de educação física* (1992: 50), define Educação Física como sendo:

"Uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal".

Esse conceito nos permite pensar no hip-hop como um elemento integrante do universo da dança e, conseqüentemente, da cultura corporal dos jovens, mesmo sendo vivenciado fora da escola.

"Faz-se necessário o resgate da cultura brasileira no mundo da dança através da tematização das origens culturais, sejam do índio, do branco ou do negro, como forma de despertar a identidade social do aluno no projeto de construção da cidadania". (Coletivo de autores, 1992: 83)

O hip-hop é uma derivação do break, que é um outro tipo de dança de rua. Seus dançarinos são os chamados b.boys (*break boys* ou garotos que dançam break) e dançam com música estilo *beat-box*. Faz parte do break: o boogie (robô), o eletro-boogie, o Uprock (sapateado do break) e os giros acrobáticos. (Vilela, 1998: 63).

Existe ainda, a dança de rua que é composta também pelos b.boys e por dançarinos, que compõem uma coreografia¹⁴ em grupo.

Nos guetos americanos e depois no Brasil, as gangues rivais ao invés de brigar, começaram a promover entre os jovens, competições (que são os chamados *rachas*) de break. Vencia a turma que ficasse mais tempo apresentando passos diferentes. Quanto mais acrobático e rápido melhor. A música utilizada era o funk.

"Ao dançar, homens e mulheres não apenas reinventam movimento, tempo e espaço, mas transformam-se em personagens, pois a dança cria um jogo de

¹⁴ Palavra de origem grega, que significa escrita da dança.

forças, torna visível no corpo e nos movimentos todo um universo de ações e significados diversos do cotidiano". (Dantas, 1999: 17).

Para Garaudy a dança é união. União do homem com seu próximo (1980: 8). E nasce da necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação ao outro. A dança não é apenas uma arte, mas um modo de viver e existir. Sempre esteve presente nos momentos marcantes na existência humana: na guerra e na paz, nos casamentos e nos funerais, na semeadura e na colheita. Expressando assim, por meio de movimentos do corpo, *"experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica"*. (1980: 13) A dança é a um só tempo, conhecimento, arte e religião.

Aranha (1993) define arte como um modo de transformar o vivido em objeto de conhecimento, por meio do sentimento. *"A arte é um caso privilegiado de entendimento intuitivo do mundo, tanto para o artista que cria as obra concretas e singulares quanto para o apreciador que se entrega a elas para penetrar-lhes o sentido"*. (1993: 345)

Temos a dança nesse contexto das artes, como a *mãe das artes*, sendo o criador e a criação uma única coisa na dança. (Sachs apud Dantas 1999: 22) É uma possibilidade de arte encarnada no corpo. (Dantas, 1999: 25).

Nesse âmbito, vemos o hip-hop como uma arte de periferia, pois por meio de seus corpos, da dança, de suas pinturas (o grafite) e da fala (música), expressam suas inquietações, suas histórias de vida e problemas sociais.

"A música negra tem sido desde a chegada dos escravos ao Brasil, uma forma de comunicação, de elo de ligação entre os negros, recriando, através dela, uma comunidade de lembranças e, além disso, tem sido uma forma eficiente de luta para superar

a discriminação e a opressão a que estão submetidos". (Guimarães, 1998: 238).

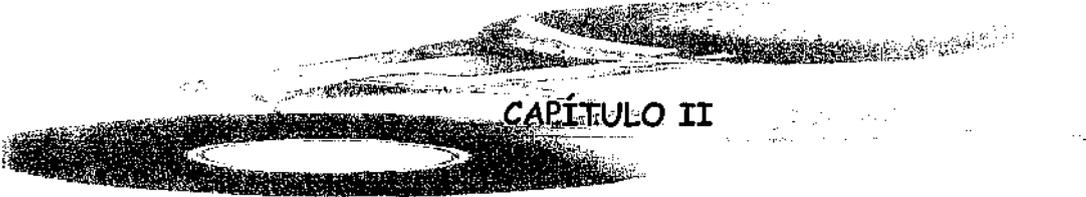
O hip-hop representa o desejo compartilhado de crítica e protesto, transmitidos por meio de seus elementos artísticos, de maneira eficiente, pois retrata o cotidiano, a angústia das pessoas, seus anseios e desejos.

A dança de rua e o break cumprem seu papel ao passar a sua mensagem por meio do movimento do corpo. Mas não se limita a criticar somente assuntos mais próximos, como desemprego, violência urbana e drogas, mas também fazendo críticas a problemas diversos como o da guerra.

Em seus diferentes estilos, a dança adquire formas diferentes de se expressar com símbolos específicos de sua cultura, na sua espécie e no seu contexto histórico. (Vilela, 1998: 12).

"O corpo que dança é um corpo construído, elaborado, trabalhado. Construído, na sua vida cotidiana, em processos de socialização, de educação, de repressão, de transgressão". (Dantas, 1999: 100).

O hip-hop é um movimento que marca esses corpos que dançam, imprimindo neles marcas dessa cultura, que são trabalhadas, construídas e remodeladas constantemente. É uma forma de linguagem que surgiu na periferia e acima de tudo, uma mudança de comportamento e conscientização sobre os seus direitos.



CAPÍTULO II

DISCURSOS DOS PARTICIPANTES

Os discursos dos participantes foram colhidos por meio de entrevistas realizadas no encontro de hip-hop *Hot Sunday*, no dia 21/05/2001, nas dependências do Centro de Convivência Cultural, em Campinas-SP.

Os entrevistados foram escolhidos devido à sua experiência e envolvimento com o assunto em questão e ao trabalho desenvolvido, num total de 14 pessoas, dentre os quais: 5 rappers, 5 grafiteiros, 1 dançarino de break e 3 de dança de rua.

A análise dos discursos procedeu-se segundo a metodologia desenvolvida por Laurence Bardin (apud Vilela, 1998:129), no livro *Análise de Conteúdo* (1977).

A análise de conteúdo é definida como "um conjunto de técnicas da comunicação que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens". (Bardin apud Vilela, 1998: 129)

O objetivo é buscar o significado do hip-hop para as pessoas que estão inseridas nessa cultura. Cada entrevista representa uma forma de definir o hip-hop, em seus diferentes aspectos.

Tais entrevistas foram transcritas, registradas integralmente e agrupadas em categorias. Separando-as em categorias, tornou-se possível uma melhor análise dos vários significados atribuídos ao hip-hop.

Questionou-se a todos: *o que é hip-hop?* Algumas perguntas feitas ao grupo de rap SNJ, por outro entrevistador, foram mantidas.

Rappers

Os rappers são os cantores de rap, ou MC's, que são os mestres de cerimônia. Os entrevistados foram: Piá (participante 1), cantor e DJ do grupo *Elementos MC's* de Campinas; Fred (participante 2), compositor e vocalista do grupo *Conceito Real* de Campinas e o grupo *SNJ (Somos Nós a Justiça)* de São Paulo, composto pelos vocalistas: Bastardo (participante 3), Sombra (participante 4) e Cabeça (participante 5).

Participante 1

Piá

"Não é política, não tem nada a ver. Eu acho que é o seguinte, hip-hop pra mim é como se fosse uma profissão, entendeu? Porque muita pessoa que tá na rua aí, sei lá, hoje tá saindo da rua por causa do hip-hop. Se você catar a maioria aqui 10% era moleque de rua, sempre é de favela, é isso aí! Acho que é o seguinte, hip-hop não tem essa, pra mim é cultura, é serviço e não tem outra."

Participante 2

Fred

"Pra mim o hip-hop é vida, tirando muitos jovens do crime. Muita gente que podia tá aí roubando, usando drogas, conhece o hip-hop. Conhece esse lado cultural da periferia e tá fazendo alguma coisa, desenvolvendo alguma atividade e pensando mais em ajudar o próximo. Não digo todo mundo."

Tem gente que tá aí no hip-hop, só pra se esconder de alguma coisa. Ou tá só pra ganhar dinheiro, ou então mercenários. Mas a grande maioria, acredito, tá no movimento, pela causa social, mesmo. Esse país não oferece nada pra gente,

que é pobre, então a gente tem que se organizar, de alguma forma, pra reverter esse quadro.

Então, nosso objetivo é levar a população assim, da periferia a se conscientizar pra a revolução, revolução através das palavras. É a nossa letra fala, tipo critica a política. Tem uma letra nossa que se chama "*o desabafo de um negro*". O que o negro passa em nosso país. Tipo, o negro que chega pra tentar conseguir um emprego e vê que é negro, já tesoura o cara, e fica muito mascarado. E a gente tenta falar disso basicamente.

Tem até uma frase que fala assim: *essa noite eu tive um sonho, um sonho diferente, sonhei que elegeram um negão pra presidente.*

Então, muita gente que ouve o nosso som, analisa essa frase e vem perguntar pra mim o que eu quero dizer. É um barato de impacto."

Grupo SNJ (Somos Nós a Justiça)

(Integrantes: Bastardo, Sombra e Cabeça)

Participante 3

Bastardo

"Hip-hop pra nós é a intensa correria, intensa determinação, é uma coisa que você coloca dentro do coração. E as dificuldades vêm pra você mostrar que você tem capacidade pra superar. Porque se na vida a gente não tiver dificuldade, Deus não ia colocar força dentro de nossos corações pra gente tá se sobressaindo aí, acima disso aí. Vejo o hip-hop dessa forma: força de vontade, porque é o pioneirismo desse movimento que é revolucionário e forte pra caramba, que envolve além do rap vários outros estilos assim de tendências do ser humano em geral. Não só a música, o break, esses elementos fundamentais assim. As

peessoas que fazem, eventos como isso aqui (no evento, *Hot Sunday*), representam o hip-hop, de uma maneira ou outra. E eu vejo o hip-hop dessa forma, uma força de vontade, uma gana, e o desenvolvimento a cada dia que se passa. Só tendo consciência que é um movimento hip-hop. Quando as pessoas falam muito de hip-hop não sabe o que é, mas quando fala de rap, *Ah não rap eu sei o que é, é a música que os caras dá tiro, que é ladrão pum, essas coisa*. A gente tem que ver o rap como um elemento de dentro de um movimento muito forte. Que é o movimento hip-hop”.

Participante 4

Sombra

“O movimento, a cultura Hip-hop, é estilo de vida, mudança de comportamento, como muitos já sabem, entendeu? Pro SNJ não seria diferente, e para todos aqueles que se identificam realmente com essa cultura, que é a cultura que eu acredito, que a cada dia que passa está revolucionando a mente, não só dos adolescentes, igual como nós mesmo citamos, do molequinho ranhento até o tiozinho da terceira idade. E é isso, com fé em Deus vamos dá seqüência a esse trabalho, continuidade e tá prosperando”.

Perguntas elaboradas por outros entrevistadores no local

1) Gostaria de saber do SNJ do que ele acha do hip-hop na TV e até mesmo na internet, se ele critica ou é a favor?

Participante 4

Sombra

"Primeiro, desde o momento que os grupos de rap começaram a se expandir em meio ao mercado fonográfico que não seria diferente com o consumismo da população periférica em si, e começaram a fazer clipe, acho que os caras, não igualmente ao SNJ não ia estar pensando diferente de ir pra tv, temos que ir pra tv sim, mas os programas, os quais sejam cabíveis aos nossos interesses e a questão ideológica e de filosofia do grupo, entendeu? Acho que a gente tem que parar com esse negócio de não, que nós não vamos pra tv, que televisão é coisa de artista". Primeiro que os rapper, o MC (mestre de cerimônia), todos aqueles que fazem parte do elemento chamado hip-hop, daí por diante, etc. É não são artistas, entendeu meu? A gente tem um compromisso social, político, étnico, cultural muito grande e daí por diante a gente tem que tá nos meios de mídia e de comunicação pra aquela pessoa que não tem acesso a rádio e a revista, normalmente, logicamente pra uma pessoa daqui do Brasil, lá do Amazonas, da Bahia, de Sergipe, Aracajú, daí por diante. Vai ter acesso a gente a um veículo televisivo, que é a televisão, uma mídia muito forte".

Participante 3

Bastardo

"Têm muitos grupos aí que falam também que não a gente não pode aparecer na tv, porque a tv nunca precisou do rap e não sei o que, hoje é o que tá

fazendo sucesso. Mas uma coisa é certa, têm grupos que falam assim. Tem uns programas específicos também pra você tá podendo desenvolvendo seu trabalho. Porque além do cara, tipo assim, porque os caras que hoje em dia tão tipo, desenvolvendo um trabalho dentro do rap, dentro do hip-hop, representando o rap os MC, igual aos caras falam, deixou de trabalhar pra tipo tá dando continuidade a sua vida. Se é empenhando assim a sua vida. Como trabalho financeiro, como trabalho espiritual até, massificando o hip-hop. E os caras falam 'não, não pode aparecer na tv', mas tem muitos caras que faz clipe e não quer aparecer na tv, mas como é que, faz o clipe que é a imagem que vai para a tv e fala que não é pra aparecer. A gente procura aparecer em alguns programas assim específicos. Mas não são todos recomendados. Com certeza. E a internet é um veículo que vem aí através da evolução da informática, do ser humano em geral. Que abre outros tipos de portas, que funciona da mesma forma que a mídia em si funciona. Porque a mídia não é só a TV, ela é os fanzines, ela é as revistas e os jornais. A mídia é um grande meio de comunicação que tem como a TV assim a liderança, a mostragem assim. Mas eu acho internet legal também, porque abre outros espaços, e outras pessoas que não conhecem podem ter oportunidade".

Participante 4

Sombra

"É uma pena que através da internet, igual os manos já chegam pra nós e falam assim: *ô mano, a gente quer colocar o som de vocês na internet*. Só que, pô mano, infelizmente como tudo tem o outro lado, né mano, isso aí não seria diferente. É que na internet a gente põe o som, tudo bem, adquire, vai pra várias pessoas, até um pessoal que não tinha acesso ao rap através do computador, passa a ter acesso ao rap. Só que pirateia mano. Se você colocar música na internet, os caras pirateia de uma forma, meu Deus mano. Igual a shows. Eles gravam show e

põe na internet e vê o show. Nossa mano! Pirataria tá dominando. A maioria das piratarias ao vivo que sai, sai daí da internet. Por isso que é embassado , mano. Apesar que, com o rap não seria diferente, acontece com todas as facções musicais, com o rap não seria diferente. Mas tá bom, a idéia é prosperar mesmo, se a intenção é prosperar e levar e levar a mensagem positiva pro povo, pode piratear, pode fazer o que for. É aquela idéia o que Deus dá, ninguém tira. Então a gente tá prosperando, ai se Deus quiser a gente vai prosseguir cada vez mais e mais”.

2) O que vocês acham do movimento hip-hop no interior? Porque geralmente focam mais São Paulo, a Capital em si? O que vocês acham, o movimento tá crescendo ou o que seria?

Participante 4

Sombra

“Veja bem, pra tudo tem um começo. Tem que ter aquele eixo principal, essência. Não foi diferente pra esse gênero musical, que é o rap. Pra cultura hip-hop ter começado em São Paulo, onde é massificação maior, onde as pessoas têm acesso as coisas com mais facilidade. Logicamente que a coisa crescendo, vai se expandindo, nos lugares mais longínquos do nosso país, seja lá no interior, nos bairros mais periféricos das grandes bases periféricas, o hip-hop está se infiltrando. A trilha sonora que é o rap, ta chegando. Com possibilidade de chegar ao interior igual chegou nos dias de hoje, e é importante também nos interiores de São Paulo e de nosso país, o rap ta chegando para as pessoas que lá tem a mente mais fechada, se expandir em conhecimento através de outras pessoas, isso é muito importante”.

Participante 5

Cabeça

"O que seria São Paulo sem o interior e o interior sem São Paulo? É, uma coisa gera a outra, se a intenção é prosperar, levar idéia positiva pro povo, como é que a gente vai conseguir mandar idéia positiva pro povo, só em São Paulo? Não adianta cara. A gente tem que procurar trabalhar, se Deus quiser, ta chegando no interior. A intenção daqui anos é o rap atingir o país inteiro, o mundo inteiro. E se Deus quiser vai ser isso mesmo, vai ser isso mesmo! Porque de todas as trilha sonora que vem surgindo de um tempo pra cá, a mais interessante que uma proposta futurista mesmo, dentro da música, é o rap. Porque os demais que aparece ai é Funk, esse sambinha meloso, essas paradinhas. Então mano de todos assim, que tem um trabalho social, que pode, não vou falar assim mudar o país, mudar não, mas que tem uma proposta futurista dentro da mente das pessoas. É o rap, com certeza. E se Deus quiser, graças a Deus, a gente vem para o interior".

3) Referente a música "Viajando na balada", vocês se inspiraram em quê?

Foi algo do passado?

Participante 4

Sombra

"Não diferente de qualquer rapper, de qualquer militante, protestante, que eu acho que, cada um de nós se baseou nas injustiças sociais. Se é o comum, a base principal pra você tá expondo seus pensamentos, sua liberdade de expressão. E com o SNJ, com o Sombra e o Bastardo, que foi os autores daquela letra não foi diferente. Falar das injustiças sociais, as quais acontecem com cidadãos brasileiros, principalmente de classe menos privilegiada, falar das condições subumanas, a qual sobrevivem a maioria das famílias de nosso país".

Grafitheiros

Os grafitheiros são os que fazem os *desenhos* em muros, o grafite, que na maioria das vezes são confundidos com pichação (desenhos ou escritos "ilegais", ou seja, feitos em lugares em que não são permitidos). Os entrevistados foram: Duli (participante 6), Spook (participante 7), Mask (participante 8), Eduardo ou *Dur* (participante 9) e Laércio (participante 10).

O que é hip-hop?

Participante 6

Duli

"Sou um dos primeiros de Campinas a grafitar o movimento. Tenho 20 anos, estou 5 anos. O movimento hip-hop é cultura, basicamente. Tem várias definições mas, o hip-hop pra mim é tudo, sem o hip-hop, não sei. O grafite é a maneira que eu encontrei no hip-hop pra me expressar, meus sentimentos, sei lá, o que eu penso, jeito que eu tô. E tem o break também, que é o pessoal que dança, tal, que curte. O grafite pra mim é tudo, não tenho o que falar. Com o grafite eu tento passar uma mensagem mais assim para a sociedade que despreza. Que é mais para a periferia o grafite. É isso aí, tem que passar uma mensagem, todo grafite tem um significado, uma mensagem, passa uma idéia."

Participante 7

Spook

"Faz quatro anos que eu tô aí, no grafite. Grafito mais para expressar, pra mostrar para a burguesia que a gente tá aqui e vamos dá a volta por cima. Ninguém é menos que ninguém e ninguém é mais que ninguém. Então o grafite, é onde eu consigo me expressar, porque na sociedade você não tem espaço para

fazer nada. Se você chega em uma discoteca, pá, os caras te tira de maloqueiro, fala que você não vai entrar e aí? A burguesia não é nada, mano. Nós é tudo, nós é união”.

Participante 8

Mask

“Assino Mask (assinatura do autor em seus desenhos) e faço parte do Unidos (nome do grupo de grafiteiros). Faz uns 3 anos já, morava em São Paulo, mas vim gostar aqui de grafite, em Campinas. Campinas tá começando agora, e muita gente ainda não conhece, só sabe falar, e não quer estudar como é que é o movimento, só sabe criticar, fala que é coisa de periferia sim, não é vandalismo, o que. Quer resgatar um cara meio, aquela situação difícil que não tem uma ideologia, assim de vida, não trabalha, não tem dinheiro e o cara vai fazer grafite. Primeiro o cara vai estudar o que é grafite, o estilo do cara, ele vai ter uma coisa na cabeça, não vai ter uma mente vazia. É isso aí, é pra gente que critica nós, é mais é isso o esquema, conhecer melhor, pra depois falar, é isso aí.”

Participante 9

Eduardo - (Dur)

“Lanço *Desiguais* (nome do grupo). O hip-hop é um movimento, mas não só que não pode ser pichado como um movimento, porque o movimento sempre tem uma meta, quando atinge essa meta, acaba. O hip-hop é uma cultura e a cultura sempre é eterna. Tem muito cara que entra em um museu da burguesia e olha para os quadros, assim não tem um significado, um significado assim, que você olha uma coisa abstrata e fala que aquilo é arte. Agora olha nosso trabalho no grafite e fica falando que aquilo ali é um vandalismo, fala que não é uma arte. Acho que eles têm que pensar, refletir sobre isso e vê que eles são contra a maioria. Porque

a burguesia é uma minoria, tudo bem que eles estão com o dinheiro e eles mandam. Mas só que a gente vai dar a volta por cima e vamo tá aí no cenário, sempre em primeiro lugar, sempre mandando um salve a apologia e sempre conscientizando todo mundo. Porque o barato é o seguinte: o hip-hop é um estilo de vida, pra falar a verdade, quem tá no hip-hop sabe qual é que é, é daquele jeito.

Pra mim o hip-hop é um estilo de vida pra mim. Eu vivo do hip-hop e faço grafite, pra mim é isso daí, é praticamente tudo. Eu grafito ai 2 anos, tô no começo ainda, tô crescendo aí junto. Porque o hip-hop é muito uma união, quem tá começando, sempre todo mundo na humildade. Como em Campinas que não tá muito difundido, não tá essa união grande, mas só que aí no futuro a gente vai tá todo mundo junto.”

Participante 10

Laércio

“O nome do nosso grupo aí é Gonzo. Surgiu na época de 96, ai em São Paulo. Tô vindo pra cá, pra Campinas, não conheço nada por enquanto. O movimento aqui tá começando, mais tá um movimento legal já, a rapaziada tem uma noção do que é a periferia, entendeu? Sabe passar o motivo e sentido do desenho. Não só o desenho em si, como a arte, entendeu? Porque muita gente discrimina o grafite, como uma coisa de vândalo. Mas pra gente, grafiteiro, nossa tela é o muro, é a parede. Muita gente discrimina isso, por não ser um trabalho feito em tela, na tinta óleo. Mas é um trabalho em si, que não esconde nada é a realidade do dia-a-dia. Não é a realidade de um playboy, entendeu? Que sai de carro com sua mina e tal, toda aquela coisa bonitinha. É um jeito de desabafar da periferia, sim. Mas mostra de um modo verbal e coloquial as coisas como elas são na periferia no dia-a-dia sem esconder nada. E pra mim o hip-hop, como todo

mundo sabe, eu acredito que a maioria dos grafiteiros, interpretem assim, não é um movimento, é uma cultura aí, que já tem passado”.

Dançarinos de Break

O único entrevistado foi o b.boy André (participante 11). B.boy significa *Break Boy*, que é o dançarino de break. As equipes de break enfrentam-se, não fisicamente, mas através dos *rachas*. Os *rachas* são competições disputadas entre equipes para ver quem dança melhor. (Vilela, 1998: 98)

O que é hip-hop?

Participante 11

B.boy André

“Danço há 9 anos. Desde os 12 anos de idade que eu danço. Eu comecei a dançar através do meu irmão. Meu irmão dançava Break, que era o raiz, o break , a quebrada. Aí fui vendo aquilo lá, fui me interessando, ai comecei a dançar.

O hip-hop pra mim é tudo. O break aqui em Campinas tá crescendo muito, através de equipes de dança que tão vindo. Antigamente tinha uma equipe de break, uma gangue de equipe, hoje em dia tem cinco equipes. Tipo assim, eu morava aqui mudei para o interior, agora voltei pra cá. Mas eu tinha uma equipe lá, agora eu tô neutro aqui, tô sozinho. Só que eu acho que vou entrar na equipe dos caras, *Radicais suburbanos*”.

Dançarinos de Rua

Os dançarinos entrevistados fazem parte de grupos de dança de rua. São eles: Ice Nando do grupo *Enygma Street Dance* (participante 12); Kiko do grupo *Hip Street Hop* (participante 13) e Benê que também faz parte do grupo *Hip Street Hop* (participante 14). A dança de rua é realizada através de coreografias e os estilos são o funk, que além de ser mais radical, possui muito mais ginga, e o hip-hop, que é um estilo mais lento que o funk e trabalha os movimentos numa batida seca com os movimentos rápidos.¹⁵

1) O que é hip-hop?

Participante 12

Ice Nando do Grupo Enygma Street Dance

"Para mim, hip-hop é um estilo de vida, não sou um aficcionado por hip-hop, pois trabalho em uma empresa de engenharia e faço faculdade de informática à noite, e só arrumo tempo para ensaiar novos passos, estilos de dança, acrobacias nos finais de semana.

Porém, algumas pessoas adotam o hip-hop como um estilo de vida mesmo, pra valer, treinando, ensaiando, grafitando, compondo rap's diariamente (sinceramente não sei como essas pessoas vivem), mais levam muito a sério, ensaiando em qualquer lugar, daí vem o nome de *street dance*, um estilo de rua como você já sabe, os ensaios acontecem em qualquer lugar mesmo; agora conseguimos um galpão para ensaiar, mais antes ensaiávamos em uma lona de caminhão gigantesca, que abríamos em algum lugar e começávamos ensaiar,

¹⁵ Esta definição é da entrevista do dançarino Guyú, que está na tese da autora VILELA (1998: 149)

lugares como: ruas, praias, praças, estacionamento de shoppings, etc., atraía muitos curiosos, e atrai também adeptos do hip-hop que antes não eram conhecidos, cansamos de treinar acrobacias, e chegar um desconhecido e perguntar se podia treinar também. O estilo hip-hop no meu ponto de vista se baseia em solidariedade conjunta, pois ninguém sozinho sem ajuda consegue criar um estilo legal para todos, tem que ter sempre alguém olhando e falando: tá legal ou não está legal.

É muito difícil, pelo menos eu nunca vi, violência em bailes charme (somente de charme e hip-hop, nada de funk, ou outro estilo) a disputa em bailes desse tipo acontecem sim, como todo baile mais é de uma forma sadia, isto é, através de rodas de break ou rodas de *new jack*, que são rodas mesmo, com um círculo de gente olhando e 1 pessoa dançando no centro mostrando todo o seu estilo, seu desempenho como dançarino, mostrando para uma galera rival (geralmente um grupo de dança) toda sua ginga. Depois ele sai e um dançarino da outra galera entra fazendo a mesma coisa, só que no seu estilo, o do seu grupo, e assim sucessivamente, um tentando fazer passos ou acrobacias mais difíceis, geralmente começam fazendo simples movimentos para não descarta logo de cara seus pontos mais fortes, apenas aumentando a dificuldade dos movimentos em cada entrada nas rodas. Mas no final todos são amigos rola sim essas disputas, zoações mais tudo é durante a roda depois tudo fica tranqüilo cada grupo dançando suas coreografias, se apresentando uns para os outros, e alguns acabam até ensaiando juntos, fazendo passos e se apresentando juntos.

No meu ponto de vista eu acho o hip-hop muito bom, pois a pessoa que vai a um baile e assiste a uma apresentação de um grupo, ou assiste uma roda, no fundo no fundo gostaria de estar também lá, se mostrando para os outros. Eu particularmente adoro me exhibir, não muito com coreografias pois é mais complicado pois todo o grupo deve estar ensaiado para fazer uma apresentação

legal, deve sempre haver uma harmonia dos dançarinos, tentando ser o mais uniforme possível nos movimentos, e principalmente no sincronismo dos passos, por isso adoro mais treinar *new jack* (que são passos de dança individuais, conhecido nos bailes como individual) e o break que para mim não é tudo mais é 100%, e tem que estar na veia, circulando no sangue, e se não tiver tem que ralar para botar, treino para sempre melhorar meu estilo e assim como eu aprendi olhando os outros dançando, eu sei que muitos aprenderam comigo alguma coisa, algum movimento”.

Participante 13

Kiko - professor da Academia Ballet & Cia e integrante do grupo Hip Street Hop

“Eu sou professor de dança de rua e ginástica, também, em várias academias de Campinas. Eu estou no meio do hip-hop desde criança, desde a infância. A partir de uma equipe de cantores com o codinome *Black Juniors*. E aí eu comecei a gostar do estilo de como era as coisas, e aí fui. Dublei Michael Jackson, dublei outros cantores, mesmo sem ter outras pessoas ao meu redor que fazia aquilo, eu já fazia. Como eu gostava de capoeira, sabia alguns saltos, alguns movimentos, que eram típicos do Break, posteriormente. E aí eu fui desenvolvendo cada vez mais, até que comecei a trabalhar com dança de rua juntamente com o Benê. Conheci o Benê na faculdade, na PUCC, em 1995, também. Ele me convidou pra tá trabalhando com grupo de Dança. Atualmente, nós temos o grupo Hip street Hop, que existe há cinco anos. Eu e o Benê somos diretores e coreógrafos.

Procuramos sempre atualizações, fora do Brasil, ou então com os melhores professores do Brasil.

O Benê já teve a experiência de trabalhar em Fóz do Iguaçu, trabalhando também com a seleção para os dançarinos do *Criança Esperança*. E com isso, a

gente vai abrindo fronteiras e quebrando vários tabus que existia sobre a dança de rua. Tirando aquela *marginalidade* que existia. Tanto porque hoje em dia o mercado fonográfico norte-americano mais vendido é o hip-hop. Quando os cantores não são hip-hop, por exemplo, os cantores Pop, tipo N'Sync, Five, Britney Spears, os coreógrafos deles são professores de hip-hop. O que eles mostram em seus videoclipes, nada mais é do que hip-hop. Então as pessoas perguntam o que é funk, o que é Street Dance, o que é hip-hop, cada um é alguma coisa? Não, depende da região, depende do professor que quer por um nome mais chamativo, de acordo com a região e com a aceitação do público dele. Uns aceitaram melhor o nome funk, outros, melhor o nome hip-hop, sendo que é a mesma coisa. Isso aí é uma tecla que todos batem, cada um põe um nome. Tanto é que existem tendências querendo desmistificar isso, deixando dança de rua. Passar isso para todos os professores para que não inventem nomes e que fique simplesmente dança de rua. Para que todos saibam o que é e o que vai fazer na aula. E que não fique cada um falando uma coisa e dando uma nomenclatura diferente.

O hip-hop em si, de maneira geral, abrange toda uma cultura. Então é difícil de especificar o que é o hip-hop. Porque o hip-hop não é simplesmente uma dança, é uma cultura, como um todo. Então é a maneira de se vestir, é a maneira de agir. Até mesmo outros elementos que interagem, por exemplo, DJ's em festas, que tocam, soltam os sons, que fazem algumas mixagens. Tem também os MC's que são aqueles que agitam as festas, chamam o pessoal pra gritar, pra bater palma, pra interagir. Com tudo o que tá acontecendo. Tem os breaks chamados de b. boys que é a abreviação de "garoto do break". Tem as b. girls que é a mesma coisa, pro lado feminino. Então existem várias tendências, inclusive eram citadas antigamente quatro fontes para o hip-hop. Agora tem o Street

Dance ou o hip-hop dançante, que o pessoal não sabe se é o novo hip-hop, como encaixar nisso.

A questão é que o hip-hop evolui, como qualquer coisa no mundo. Então vai criando outras coisas, outras fontes ou novos elementos. Então o hip-hop já tão em seis elementos ou sete, mais ou menos. Aquela história que era simplesmente DJ, MC's, b. boys e tem mais um que me falha a memória agora, mas eram quatro, agora tem o pessoal que dança, tem o pessoal que canta, sem ser MC's, eles cantam, compõem músicas próprias para o Street Dance. Como dá uma nomenclatura pra eles diferente? É hip-hop. Faz parte de uma mesma cultura, saiu do gueto norte-americano, foi desenvolvendo, ganhando mais força. De tudo que tem no mundo, o hip-hop tem esse lado bom, que ele não é fechado. Ele abrange tudo. Se tiver uma coisa na Ginástica Olímpica, vai vim pro hip-hop, porque o pessoal tem mente aberta, no Ballet, no Jazz. Então não tem isso, que o hip-hop é uma coisa lá do canto. Tanto é que os principais shows que a gente vê na tv, tem um pessoal dançando lá no fundo. O que eles estão fazendo? Simplesmente hip-hop. Agora no Brasil tá começando também tem uma cantora agora, que tá lançando o disco, que tem uns rapazes atrás dançando. Tem Pepe e Neném, e outros grupos que tão dando uma tendência mais para o estilo hip-hop, na maneira de cantar. Então o hip-hop é tudo isso, as pessoas tem que deixar isso de lado, que o hip-hop é quatro elementos, que tem muito mais coisas envolvidas, muito mais pessoas interessadas de vários níveis sociais".

Participante 14

Benê - professor da Academia Ballet & Cia e integrante do grupo *Hip Street Hop*

“Hoje em dia, existe um equívoco acreditar que os elementos de hip-hop são apenas: break, o DJ, o MC. E tem novas tendências em relação dança, por exemplo, sem dúvida. Essas foram às raízes, porém como toda cultura evolui e sofre influências do meio que tá. E a dança de rua, o preconceito foi bastante quebrado também, graças ao Marcelo Cirino do *Dança de Rua do Brasil*. Graças a ele que dança de rua conseguiu essa grande abertura que teve, principalmente em relação aos festivais. A dança de rua era muito marginalizada tanto pela sociedade e pelo meio da dança, aquelas danças mais formais, onde estão situados os festivais. Ela era chamada aleatoriamente e depois começou a ser incluída no meio do Jazz, só que começou a acontecer alguns probleminhas. Principalmente quando o *Dança de Rua* começou a se apresentar, aí eles começaram a ganhar tudo. E começaram a ficar inconformados com isso, isso aconteceu mesmo. Hoje em dia, até tem isso, mas porém, hoje em dia, separaram, porque o negócio cresceu muito. Então dança de rua não é só o que o *Dança de Rua do Brasil* faz não é só o que a gente faz aqui que no caso, aqui a gente colocou o nome de hip-hop. Hip-hop, além da cultura é dança, é música, é algo bastante complexo e muito mais amplo do que simplesmente quatro ou cinco elementos e que tem uma dimensão muito grande, tanto aqui no Brasil e nos Estados Unidos, domina a Indústria fonográfica.

O hip-hop é uma cultura, então é todo o modo de ser, de agir, de se vestir, de falar, apesar de que eu não costumo a falar como mano. Mas é um conjunto de coisas que forma essa cultura, além do jeito de ser, de agir e de se falar, de se vestir e de dançar. Tudo isso começa a ver algumas outras tendências, por exemplo, quando você vai numa loja de discos nos Estados Unidos, por exemplo,

you see there a part written Rap, another part written hip-hop. Rap is the music of hip-hop, right? From hip-hop culture, but hip-hop today, as I said, everything has evolved, not just rap, there is R&B, everything ends up getting confused, in terms of musical terms from the United States, it ends up getting confused a lot.

In relation to *rhythm and blues* which seems like hip-hop, the music and the way of speaking. So when you want to say, in many places there is no clear definition to define these musics: rap, hip-hop and R&B.

Rarely, for example, hip-hop beyond culture, first hip-hop is a very broad culture and like every culture is quite complex. But today, hip-hop is also a style of music, it is a style of dance, for example you cannot say that those street dancers in the United States are not part of the movement, simply because they are not break dancing. But many movements that you see people doing here (in the street dance class, in the Ballet & Cia academy), have their origin in break, but they are not just break, they are not limited to just break.

So hip-hop, let's consider first it is culture. To exemplify better, let's consider a pot. Inside this pot people put the way of being, the way of acting, the way of dressing, the way of speaking, and even those people who end up doing this type of movement. Inside this pot also, which is hip-hop, people put the dances, which is break, which was already one of the primary elements of hip-hop. But also the new trends, the new styles of dance that in academies have a lot of differentiation. It is called Funk, but they are commercial names. So everything ends up being the same, everything is street dance, everything is hip-hop. So I would define for you: hip-hop is a very broad and complex culture that has many branches, in terms of dance, of music. So music is not just rap, there are other musical trends within the hip-hop culture.

E é isso que os próprios b. boys e styles precisam ou tem a necessidade de acabar aceitando que a Dança de Rua de Santos, apesar de mesclar outras tendências, até mesmo a dança contemporânea, até mesmo algumas, dá uma mudada em algumas tendências clássicas, incorporando aí até o que é feito lá também nos Estados Unidos. Os dançarinos b.boys de lá, uns falam: *detesto Jazz, mas eu tenho que fazer*. Não é à toa que a cultura lá foi tão grande e domina tanto os Estados Unidos, que conseguiu ser tão respeitada. Porque não tem uma visão restrita, a visão deles é bem mais ampla. Então por essa abertura de visão, por exemplo, alguns movimentos, muito poucos, pode vir, que a gente tá dando aqui hoje, derivar de alguma forma, do Jazz ou até alguns movimentos, o chasser, o que vai influenciar é o nosso jeito de dançar. A coreografia em si, você pode fazer a mesma coreografia para ritmos latinos, hip-hop e até Axé. O que vai diferenciar um do outro é o estilo, então é isso aí que eu falei pra você que vem da cultura é a forma de ser, de agir, o jeito de se movimentar, e aí que vai dar aquela pitada do que é hip-hop, e do que é dança de rua realmente.

2) E você, começou como?

Eu cresci dançando. Como toda família que vivia em periferia, tinha bailinho em casa, então ia um monte de gente do bairro inteiro ia pra lá, no outro dia tinha baile na casa de outras pessoas. Hoje em dia já não se vê mais isso.

O Marcelo Cirino conseguiu dar muito, foi respeito para a dança de rua. Ele foi com o trabalho com o profissionalismo dele, ele conseguiu colocar a cultura mesmo, a dança de rua conseguiu entrar na mídia, através dele, negue quem quiser mas essa é a pura verdade. Esse mérito ninguém pode tirar dele. Mesmo o fato, o trabalho que ele realizou com o Dança de Rua do Brasil, na época que ele conseguiu entrar nos festivais, com certeza ele apanhou, por quê? Por causa da marginalização da Dança e da própria cultura.

3) *Você acha que hoje não existe mais esse preconceito?*

Foi quebrado bastante, inclusive depois, principalmente por causa da entrada dessa modalidade nas academias. Hoje o público que faz esse tipo de dança não é só público de periferia. Então a gente consegue também ir adquirindo mais respeito e mais credibilidade junto a outros seguimentos da sociedade por ter entrado nesses meios. Então quer dizer, não o fato da dança de rua ser feito em academias, não tem nada a ver.

4) *Você acha que você consegue passar, por meio da dança, essa idéia de cultura nas aulas na academia?*

Eu e o Kiko nos acostumamos muito, durante as nossas aulas, não simplesmente dançar, é lógico que a gente não pode dar palestras numa aula de ginástica. Porém a gente sempre coloca vários pontos que acabam levando, as pessoas que não tem menor conhecimento, dessa cultura do que é, do que elas estão fazendo, o porque que eu faço determinados movimentos, o que significa alguns movimentos que estou fazendo. Então essas explicações nós acabamos dando principalmente aqui (Ballet & Cia). Aqui nós paramos, utilizamos o vídeo e a tv, passamos vídeos tanto daqui do Brasil como de fora. Damos pra eles, aqui é totalmente voltado para a dança mesmo. Então, a gente vai muito mais fundo na cultura em si. Não é simplesmente, vamos fazer a coreografia e acabou. Agora nas Academias de ginástica a gente acaba dando umas pinceladas e umas "pitadinhas" lá de nosso tempero, a gente consegue sempre levar uma mensagem. Então eu acho isso muito importante e principalmente quando você consegue também ta desenvolvendo um trabalho desse junto com, não só com classe A, mas também não podemos nos esquecer das nossas origens e mesmo em colégios de periferia, onde nós já tivemos um projeto que chamávamos de *Dança para todos*.

Nós dávamos aulas no Taquaral, era gratuito e aberto. Até que sem mais e nem menos foi cortado. E nesse projeto também, a gente ia aos colégios. Em colégios de periferia, ministrávamos uma palestra e também dávamos a aula, porque a gente consegue atrair muita gente com esse tipo de cultura, com esse tipo de dança e com esse tipo de música.

Então seja na periferia daqui, na periferia dos Estados Unidos, seja na periferia da onde for, ou até mesmo na França, é bastante forte essa cultura. Os problemas que se tem na periferia, basicamente, são os mesmos, seja aqui, nos Estados Unidos ou na França, que é a discriminação, é a violência.

Então essa é a mensagem que a gente tenta levar para a periferia, que eles estão vivenciando aquele momento lá. Mas porém eles têm outra chance. Quando a gente vai, até mesmo usando nós como exemplo, nós não nascemos em berço de ouro e hoje em dia a gente tem uma colocação até legal, seja aqui em Campinas, seja no estado de São Paulo ou até mesmo Brasil. A gente de certa forma é conhecido com o trabalho. O importante é que, o simples fato, mesmo que for para a gente ir lá, dá uma aula para eles dançando, eles se espelham na gente. Principalmente porque na minha época, no meu colégio sempre fui minoria, negro em escola, continua minoria hoje em dia e naquela época era muito era muito pior. Então, o fato de eles nos verem de certa forma, até bem sucedidos, serve como um exemplo pra eles e até alguma coisa que eles podem ter como parâmetro: *será que eu consigo chegar até lá?* A gente dá as dicas de como gente conseguiu chegar aonde a gente conseguiu, estudando, trabalhando. Eles vão estar com as más companhias, mas tem de se distanciar dessas más companhias para conseguir chegar onde a gente está. Porque a gente passou por tudo aquilo que eles estão passando, a gente passou. Então essa mensagem é a mais importante que a gente leva para eles é que confiem mais em si mesmo e que a gente consiga aumentar

essa auto-estima deles. Isso é muito importante e acho o que a gente deve tá trabalhando”.

Gráfico das categorias de análise dos discursos

O que é hip-hop?

Categorias	Participantes													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
a) Não é política	X													
b) É como uma profissão	X													
c) Hip-hop como algo que afasta da rua, ou seja, das drogas, do crime, vícios.	X	X												
d) Hip-hop é cultura	X	X		X		X			X	X			X	X
e) Modo de organização da periferia (trabalho social)		X			X									
f) Força de vontade e desenvolvimento			X											
g) Estilo de vida e mudança de comportamento				X					X			X		
h) Meio de expressar os sentimentos				X		X	X			X				
i) Não é vandalismo								X						
j) É um meio para a conscientização da população		X							X					
k) O hip-hop se baseia em solidariedade							X		X			X		
l) É arte										X				
m) É um estilo musical													X	X
n) É a dança de rua												X	X	X
o) É tudo						X			X		X			
p) É união							X		X					



CAPITULO III

ANÁLISE DO GRÁFICO DE CATEGORIAS DOS DISCURSOS DOS PARTICIPANTES

O significado do hip-hop é muito amplo, englobando os elementos já citados nesta obra e aspectos a serem destacados, segundo os discursos dos participantes.

Hip-hop é política. No entanto, aparece em um dos discursos como não sendo política, ou seja, não partidário. Ao analisarmos o sentido real na frase "hip-hop não é política", vemos que ela nega o significado deste movimento, que surgiu como uma forma de unir a população excluída, que luta pelos seus direitos. No Brasil, o hip-hop mantém seu papel de denúncia social e posicionamento político, com a política partidária.

Hip-hop é profissão. Atualmente a música, dança e esporte, são umas das poucas formas de ascensão social para os jovens da periferia. Ao se destacarem numa dessas categorias, garantem uma remuneração que lhes proporciona melhores condições de vida. Existem alguns rappers e dançarinos que, por meio deste caminho alternativo, se afastaram das ruas, das drogas, dos crimes, dos vícios, etc., obtendo o reconhecimento do trabalho desenvolvido, em alguns casos, destaque até mesmo internacionalmente.

Hip-hop é um modo de organização da periferia traduzido num trabalho social. Desde seu surgimento, o hip-hop se mantém como uma cultura das áreas periféricas dos grandes centros urbanos, seja no Brasil, Estados Unidos ou Alemanha. Atualmente, existem vários projetos em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Tem-se levado o rap para escolas, centros culturais e educacionais. O rap contribui também, motivando os jovens a ler e escrever. Ao retratar o dia-a-dia da comunidade, os rappers se tornam *ídolos* nessa comunidade, passando a ter um importante papel nas decisões da mesma, além de proporcionar alguma atenção para os problemas locais, como falta de serviços essenciais, desemprego, etc.

Hip-hop é cultura. Em termos antropológicos, cultura é a criação da ordem simbólica da lei, da linguagem, do trabalho, do espaço, do tempo, do sagrado e do profano, do visível e do invisível, ou ainda, é o conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições, pelas quais os seres humanos se relacionam entre si e com a natureza (Chauí, 1994). Assim, podemos dizer que hip-hop é cultura, pois é a maneira que seus sujeitos se relacionam em sociedade, criando seus símbolos e sua linguagem, por meio de seu modo de vestir, de agir, de dançar, etc.

Hip-hop é força de vontade e desenvolvimento, pois esses são atributos necessários para que os indivíduos venham a atingir seus objetivos ou, pelo menos, os impulsiona a lutar para atingi-los. Como relatado anteriormente, os jovens da periferia sofrem discriminações de outras classes sociais em decorrência de sua própria condição social, além das influências no seu próprio meio. Como relata o rapper KL Jay:

"Na periferia o cara não consegue emprego, é preto, acha álcool, droga, um monte de cara querendo treta. E o mano sem dinheiro. Isso é pressão. Tem que ser muito forte. Eu não quero isso para mim. Eu sou um privilegiado, por estar muito perto e muito longe disso. E é a nossa

obrigação passar isso aí para os manos".
(Guimarães, 1998: 163).

Quanto ao desenvolvimento, ele é obtido não apenas pelos rappers, com seu sucesso e crescimento social mas, também a comunidade se beneficia, pois o hip-hop provoca uma tomada de consciência de seus próprios problemas e a incentiva a lutar visando mudar o seu dia-a-dia.

Hip-hop é arte e não vandalismo. É por meio do hip-hop que os indivíduos se manifestam, colocando em prática suas idéias. Essas manifestações são expressadas diretamente pelo corpo por meio da dança e, indiretamente pela obra por meio da música e do desenho.

Por meio de suas formas de expressão, o hip-hop mantém viva uma cultura que é movida pela união de seus personagens, que em benefício de interesses comuns, buscam pelo respeito e reconhecimento da sociedade.

Portanto, hip-hop é um estilo musical, além de ser uma das vertentes da dança de rua. Trata-se de uma cultura ampla, que além de seu caráter artístico, possui um caráter social muito dinâmico.

É ainda, um estilo de vida, baseado, sobretudo na solidariedade. É uma manifestação completa e complexa, pois hip-hop é política, profissão, modo de organização da periferia, cultura, força de vontade e desenvolvimento, arte, meio de expressar os sentimentos e conscientizar a comunidade e união. Enfim, segundo seus personagens, hip-hop é tudo!



Vemos que o hip-hop é um universo amplo e complexo, pois agrega em seu contexto diversos aspectos, formando uma cultura dinâmica e em constante transformação.

O hip-hop possui uma relação crítica com a sociedade em que está inserido, estabelecendo ligações com a mesma por meio da exposição de seus trabalhos: grafite, dança e rap.

O hip-hop é uma cultura de rua que apresenta uma alternativa de vida diferente daquela a que os garotos marginalizados estariam aparentemente condenados, seja em decorrência de sua classe social, preconceito racial, desemprego, envolvimento com drogas, etc. É um caminho pelo qual esses jovens, que não possuem outro meio para se posicionarem, fazem seus protestos contra problemas sociais, políticos, econômicos e outros. Esses protestos são expressados de forma *agressiva*, pois é o reflexo do que sofrem, retribuindo a forma como são tratados.

Desde que surgiu, o hip-hop mantém as características de uma cultura que luta pela igualdade social, racial e econômica. O sentimento que o hip-hop traduziu no início entre os jovens negros americanos e de origem hispânica, é o mesmo que traduz entre os jovens de hoje. Representa algo com o qual se identificam e que faz sentido para eles, pois a maioria mora em lugares afastados dos grandes centros urbanos, nas periferias, onde não há infraestrutura e imperam o tráfico de drogas, etc. É nesse âmbito que o hip-hop apresenta um caminho alternativo, possuindo o papel de denúncia para os adolescentes. São seus personagens que

fazem a reflexão da comunidade em que vivem, analisando criticamente seus problemas, que vão da falta de saneamento básico a problemas internacionais.

Através de sua arte, tentam mostrar para a sociedade suas angústias e desejos, na esperança de viverem numa sociedade sem desigualdades sociais e raciais.

O hip-hop é visto pela sociedade em geral como vandalismo. O grafite, por exemplo, é uma forma dos jovens interagirem e manifestarem seus sentimentos para a sociedade, expondo a sua arte em muros, mesmo não sabendo claramente o significado do que fazem.

Para Jung (1985), a arte talvez seja igual à natureza, ela é (define-se por si mesma, "se basta por si mesma") e não possui um *significado*. Para esses jovens, o hip-hop não significa algo concreto e *fechado* (que não receba outras interpretações), pois além de ser dinâmico, ele é algo que talvez não tenha um significado verbal, por isso é expressado de outras formas (dança, desenho e música). O hip-hop é uma necessidade do jovem de se expressar.

É nesse contexto que os professores de Educação Física poderiam estabelecer um intercâmbio recíproco com os alunos. É uma forma dos professores entenderem um pouco a cultura dos alunos que, na maioria, são de periferia. E a partir desse ponto, trabalhar com essa cultura, estabelecendo uma ligação com os conteúdos da educação física, pois o hip-hop é elemento integrante do universo da dança e, conseqüentemente, da cultura corporal dos jovens, ainda que praticada fora da escola.

Podemos dizer, segundo os participantes, que o hip-hop é um estilo de vida, política, profissão, modo de organização da periferia, força de vontade e desenvolvimento, arte, meio de expressar os sentimentos e de estimular a comunidade e *união*. Hip-hop engloba o modo de vestir, agir e falar, sendo

portanto, completo e complexo. Hip-hop é cultura e, para seus personagens, é algo que transcende a própria existência, pois hip-hop é "tudo".

Para a sociedade de um modo geral, hip-hop não tem sentido. Na realidade, a sociedade apenas não consegue identificá-lo, já que o sentimento não é o mesmo, apesar dos ideais serem iguais.

Todos almejam uma sociedade sem violência, desigualdades sociais e preconceitos, em que todos tenham moradia, emprego, educação, ou seja, o mínimo para garantir a sua inclusão na sociedade.

Hip-hop é "tudo": lazer para alguns e veículo de presença na sociedade para outros - diversão e crítica.

Enfim, vemos que a cultura hip-hop é ampla, pois não engloba apenas dança (break e de rua), grafite e rap. É uma forma de linguagem, por meio da qual o artista se inspirando na insatisfação do seu cotidiano, retrata os problemas da comunidade em que vive.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M.L.A. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2ª.ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1993.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DANTAS, M. *Dança: o enigma do movimento*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

FERREIRA, A.P. *Educação Física: por uma compreensão da cultura jovem: mapeando o universo das representações corporais de funkeiros*. Dissertação - PPGEF, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1996.

GARAUDY, R. *Dançar a vida*. 6ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GUIMARÃES, M.E.A. *Do samba ao rap: a música negra no Brasil*. Tese - IFCH/Unicamp, Campinas, SP, 1998.

JUNG, C. G. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PICCOLO, V.L.N., org. *Educação Física Escolar: ser... ou não ter?* Campinas, SP: Unicamp, 1993.

VILELA, L.F. *O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas*. Dissertação- Unicamp, Campinas, SP, 1998.

Anexos

As Gírias!

RAP: "Rythm and poetry" (Ritmo e poesia).

Dj: Disc Jôquei.

MC's: Mestres de Cerimônia.

Beatbox: Imitar diversos sons com a boca.

B. Boys: Abreviação de Break Boys.

B. Girls: Versão feminina de B. Boys.

Chegado: Amigo.

Chegar na humildade: entrar sem diferença com ninguém.

Crew: Grupo de Dj's, Mc's ou dançarino de break.

Fazer a rima: comunicar, passar a mensagem.

Fazer a correria: realizar um projeto.

Groove: Parte da música que se repete, determinando os ritmos.

Latinha: Tinta spray.

Looping: repetição do groove ao longo da música.

Mandar um salve: mandar lembranças.

Mixer: Aparelho que o Dj usa para "colar" uma música a outra.

Pick up: Toca-discos do Dj.

Sampler: Aparelho que copia e "cola" sons para os Dj's usarem nas músicas.

Scratch: Efeito que o Dj faz girando o disco ao contrário.

Style: A atitude dos B.boys, que se reflete no jeito de vestir, falar e dançar. Para ser um B.boy, é preciso "andar no style".

Toy: pessoa que se insere no movimento só para ganhar dinheiro, aproveitador.

Treta: Confusão, briga.

Vacilão: Bobo, a quem os outros enganam facilmente.

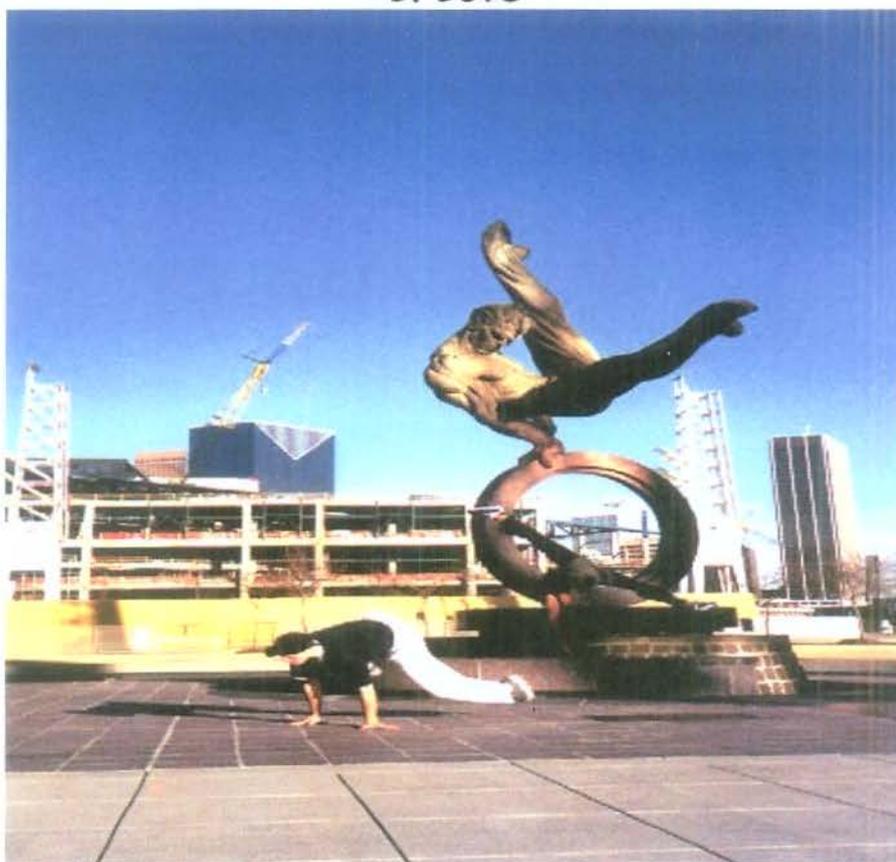
À pampa: Muito legal.

As fotos!



Foto cedida por Vanessa Helena Santana. Apresentação de dança de rua, dos alunos da graduação da Faculdade de Educação Física da Unesp.

B. BOYS



Disponível em : <<http://www.peixinhu.hpg.ig.com.br/conexão.htm>>

Break - B.boys



Giro de cabeça



Fotos de break, disponível em : <<http://www.peixinhu.hpg.ig.com.br/conexão.htm>>

Grafite



Fotos de grafite, disponível em: <<http://www.pernilongo.com.br/culturahiphop/fotosgraffiti.htm>>